

ALGUNS ASPECTOS DA SATIRA VI DE JUVENAL

Roberto Arruda de Oliveira (UFC)

Resumo: Após uma breve abordagem introdutória sobre o gênero satírico em Roma, evocamos alguns aspectos da sátira VI de Juvenal.

Palavras-chaves: Juvenal, sátira, mulher romana

Abstract: After a brief introductory approach on gender satirist in Rome, we exposed some aspects of Juvenal's Satire VI.

Keywords: Juvenal, satire, roman woman.

O termo latino *satura*, grafado também como *satira*, adquiriu ao longo do tempo, sentidos diversos. Oriundo da forma feminina do adjetivo *satur* (saciado, farto), o substantivo latino *satura* já teve várias acepções: na língua culinária, na expressão *satura lanx*, designava um prato em cuja composição entravam frutos e legumes sortidos, uma espécie de salada; na língua jurídica a expressão *per saturam* se aplicava a uma lei de caráter compósito; na língua literária, antes do sentido atribuído por Lucílio, designava textos interpretados por comediantes, os quais se caracterizavam pela utilização do grande número de ritmos musicais e pela alternância de partes cantadas e de partes faladas.

Foi, porém, com Lucílio (séc. II a.C.) que foi conferido à sátira um conceito específico, tornando-se um novo gênero literário, no qual pessoas ou instituições eram criticadas e os defeitos ou vícios sociais ridicularizados.

Ao contrário da Grécia, a sátira em Roma teve um desenvolvimento independente, graças não só a Lucílio, mas também a Horácio, Pérsio e Juvenal. Por isso, Quintiliano, em seu tratado *Institutio Oratoria*, certifica-nos de que a sátira é um gênero inteiramente latino: *Satira quidem tota nostra est* (X,93).

Da imensa obra de Lucílio, cerca de trinta livros de sátiras, restam apenas fragmentos que perfazem o total de mil e quatrocentos versos, nos quais o poeta censura a sociedade, critica as falhas humanas e políticas, trata de questões religiosas, filológicas, filosóficas e até descreve

uma viagem à Sicília, imitada mais tarde por Horácio na sátira V do livro II.

Lucílio buscou inspiração também na literatura que o precedeu. Antes dele não existia sátira como gênero literário, mas sim o espírito satírico universal, que se encontra presente nas mais diversas composições literárias, como a comédia antiga ateniense, representada por Aristófanes, na qual a parábase parece ter sido um prenúncio da sátira. Era o momento em que, interrompendo a ação, referiam-se os poetas a assuntos políticos e sociais.

Sucedendo Lucílio veio Horácio, além de sua obra lírica e das *Epístolas*, deixou-nos dois livros de *Sátiras*, intitulados nos manuscritos *Sermones*, nos quais é visível a influência de Lucílio. Esses ataques pessoais, críticas aos costumes, seguidos de comentários de natureza filosófica, estão repletos de gracejos, ironia, dotados de um senso de equilíbrio, de medida, recomendados freqüentemente pelo poeta: *Est modus in rebus, sunt certi denique fines, / Quos ultra citraque nequit consistere rectum.* (*Serm.*, I, 106-107) - “Há uma medida em tudo; há, enfim, certos limites, / aquém e além dos quais o que é certo não pode ficar”.

O terceiro dos satíricos, Pérsio, é do século I d.C. Em suas seis sátiras o poeta apresenta críticas à avareza, à preguiça, ao orgulho dos poderosos, às paixões humanas e recomenda, tal qual seu antecessor, o equilíbrio.

A primeira delas contém uma crítica à poesia contemporânea que é defendida por um interlocutor. Este, por sua vez, ataca a poesia satírica, e Pérsio faz a defesa, apoiando-se nos poetas Lucílio e Horácio. A segunda crítica as preces dirigidas aos deuses, segundo o poeta, insensatas. Na terceira ataca a preguiça e faz uma exortação aos estudos filosóficos, princípio da virtude e do bem supremo. Na quarta o poeta nos aconselha a conhecer nossos próprios defeitos e a não se preocupar com os alheios: *Vt nemo in sese temptat descendere, nemo, / Sed praecedenti spectatur mantica tergo!* (IV, 23-24) - “Como ninguém tenta descer dentro de si mesmo, ninguém, / mas o alforge é observado nas costas do que caminha na frente!”

Na quinta o poeta celebra sua amizade por Cornuto, exalta o saber do mestre e disserta sobre a verdadeira liberdade que é proporcionada pela sabedoria e pela virtude. Na sexta confessa ao seu editor, Cessão Basso, sua vontade em desfrutar de seus bens no justo equilíbrio, sem prodigalidade e sem avareza.

Influenciada pela corrente filosófica então dominante em Roma, o estoicismo, as sátiras de Pérsio assumem a forma ora de diálogo ora de epístola. Elas expressam os sentimentos de poeta e refletem o ambiente em que viveu.

Depois de todos estes, temos o expoente maior da sátira latina, Juvenal. Tendo vivido em Roma na segunda metade do século I d.C. e princípios do século II, fez aí seus estudos e dedicou-se, durante muito tempo, à arte da declamação. Já atingira a idade madura quando começou a elaborar a sua obra, o que deve ter ocorrido por volta do ano 100 d.C.

Em suas dezesseis sátiras, dispostas em ordem cronológica, critica os costumes depravados de seus contemporâneos e mostra-se saudosista do tempo em que a simplicidade caracterizava o povo romano. Um povo trabalhador, segundo ele, ainda não influenciado pelas superstições e pelo luxo vindo do Oriente.

Proclamando sua admiração por Lucílio, ele expõe detalhadamente as razões que o levaram a escrever seus poemas, cujos temas giram em torno de três motivos: o dinheiro, o sexo e o estrangeiro.

Suas *Sátiras* se inspiram na realidade contemporânea, mas os diferentes tipos que nela retrata (delatores, mulheres levianas, intelectuais mediócras) são universais, pertencentes a todos os tempos, facilmente perceptíveis, e daí seu verso: *Difficile est saturam non scribere!* (I, 30) - “É difícil não escrever sátiras”.

As sátiras de Juvenal retratam a sua época, com os seus costumes e tradições, a grande transformação cultural por que passou Roma, junto à expansão do poder intimamente ligada ao desenvolvimento econômico e ao acúmulo de riquezas. O contato com outros povos, de diferentes formas de viver e diferentes credos, repercutiu de modo sensível na sociedade romana, apontando para novos valores, hábitos e interesses.

Juvenal, como poeta satírico, critica os vários segmentos sociais, evidenciando seus vícios e deformidades. Suas composições, porém, dotadas de um espírito colérico, radical e intransigente, refletem o homem que, insatisfeito com o seu mundo, assume um atitude saudosista e moralizadora.

Percebemos em suas *Sátiras* a presença de um interlocutor, ainda que ausente o desenvolvimento de diálogo, como valioso recurso para explicitar preceitos morais, para refletir sobre a criatura humana, para transmitir os fundamentos filosóficos da Escola Estóica, tão presentes em Roma.

Na intenção de estabelecer alguns aspectos da sátira de Juvenal, analisaremos a sátira VI, que ele dedica às mulheres romanas, sobretudo

às casadas, cuja fidelidade ao lar e ao esposo, segundo ele, já não mais nutriam. O poeta evoca tempos passados, a Idade de Ouro, em que persistiam ainda a segurança, a sensação de unidade familiar garantida pela simplicidade de vida:

*Credo Pudicitiam Saturno rege moratam
in terris uisamque diu, cum frigida paruas
praeberet spelunca domos ignemque laremque
et pecus et dominos communi clauderet umbra,
siluestrem montana torum cum sterneret uxor
frondibus et culmo uicinarumque ferarum
pellibus, haut similis tibi, Cynthia, nec tibi, cuius
turbauit nitidos extinctus passer ocellos.*

[...]

*quippe aliter tunc orbe nouo caeloque recenti
uiuabant homines.*

(1-8;11-12)

Creio que, durante o tempo de Saturno, o Pudor morou por muito tempo na terra; tempo em que reunia, sob o mesmo teto, o fogo, os deuses protetores, os animais e o homem; tempo em que a rude mulher preparava um leito silvestre de folha e palha, das peles dos animais mais próximos. Quanto era ela diferente de ti, Cíntia, e de ti, cujos lindos olhos a morte de um pássaro umedeceu.

[...]

Como viviam então diferentes os homens no começo dos tempos, neste céu recente.

Nesta sátira, a mais extensa de todas, tenta o poeta dissuadir seu amigo Póstumo de um possível casamento, pois, segundo eles, já desde a Idade de Prata, a devassidão e o adultério se implantaram sobre a terra, e não mais se respeitam os deuses protetores do casamento:

*Anticum et uetus est alienum, Postume, lectum
concutere atque sacri genium contemnere fulcri.
Omne aliud crimen mox ferrea protulit aetas:
uiderunt primos argentea saecula moechos.* (21-24)

É antigo, ó Póstumo, o hábito de fazer ranger a cama alheia e desprezar o Gênio que preside o leito nupcial.

A idade ferrenha trouxe todos os outros crimes, mas foi a idade argêntea que viu os primeiros adultérios.

Tentando demover Póstumo da idéia de casamento, indaga-lhe sobre a loucura de tal intento: as piores soluções são melhores que a de ser escravo de uma mulher, até mesmo a morte:

*Conuentum tamen et pactum et sponsalia nostra
tempestate paras iamque a tonsore magistro
pecteris et digito pignus fortasse dedisti?
Certe sanus eras. Vxorem, Postume, ducis?
Dic qua Tisiphone, quibus exagitere colubris.
Ferre potes dominam saluis tot restibus ullam,
cum pateant altae caligantesque fenestrae,
cum tibi uicinum se praebeat Aemilius pons?* (25-32)

E eis que agora tu já preparas a cerimônia e o contrato, já te fazes pentear por um hábil barbeiro e talvez até puseste no dedo um anel. Perdeste o juízo! Vais casar, Póstumo? Diz-me por qual Tisífone, por qual serpente ficaste louco? Com tantas cordas a tua disposição, com tantas janelas altas e vertiginosas, com a ponte Emília aos teus pés, tu pensas em suportar uma mulher?

É certo que a Lei Júlia impõe aos romanos o casamento, mas dificilmente encontraremos uma esposa que não seja uma fonte de sofrimento: até mesmo um favorito é a certeza de um amor tranqüilo e destituído de interesse:

*Aut si de multis nullus placet exitus, illud
nonne putas melius, quod tecum pusio dormit?
Pusio, qui noctu non litigat, exigit a te
nulla iacens illic munuscula, nec queritur quod
et lateri parcas nec quantum iussit anheles.* (33-37)

E se nenhuma destas mortes te agrada, não achas melhor que um rapaz durma contigo? Um rapaz, que de noite não briga, não exige de ti, deitado ao teu lado, nenhum presentinho e nem se queixa

quando tu és lento na cama ou deixas de gemer
o quanto ele quer.

O poeta, analisando a mulher casada, aponta suas ações e pensamentos vis, sua luxúria exagerada, seus crimes. Nem no campo, nem na cidade é possível encontrar uma mulher correta. Estão elas sempre a correr atrás dos cantores, dos artistas, e dão aos seus maridos filhos que não são deles.

O autor descrevendo uma galeria de tipos femininos, deformados muitas vezes por vícios e defeitos, chama-nos atenção para a adúltera. Evoca Épia, esposa de um senador, que deixou tudo por um gladiador mais maduro e asqueroso. Isso é o que pôde fazer uma simples mulher, continua o poeta, mas uma que se equipara a uma deusa faz ainda pior: Messalina, esposa do imperador Cláudio, saía escondida à noite para se prostituir num lupanar no qual já lhe estava reservado um quarto:

*Respice riuales diuorum, Claudius audi
quae tulerit. Dormire uirum cum senserat uxor,
ausa Palatino et tegetem praeferre cubili
sumere nocturnos meretrix Augusta cucullos
linquebat comite ancilla non amplius una.
Sed nigrum flauo crinem abscondente galero
intrauit calidum ueteri centone lupanar
et cellam uacuum atque suam; tunc nuda papillis
prostitit auratis titulum mentita Lyciscae
ostenditque tuum, generose Britannice, uentrem.
Excepit blanda intrantis atque æra poposcit.
Mox lenone suas iam dimittente puellas
tristis abit, et quod potuit tamen ultima cellam
clausit, adhuc ardens rigidæ tentigine uoluae,
et lassata uiris necdum satiata recessit,
obscurisque genis turpis fumoque lucernæ
foeda lupanaris tulit ad puluinar odorem.* (115-132)

Olha as rivais das deusas: escuta o
que Cláudio suportou. Logo que sua esposa
percebia que ele dormia, a augusta meretriz,
ousando preferir uma esteira ao leito imperial,
ousando cobrir-se com um capuz noturno,

largava-se acompanhada por uma só confidente. Depois, disfarçando seus negros cabelos com uma peruca loura, ela entrava pelas cortinas remendadas de um lupanar calorento até um quarto vazio que era o seu. E se deitava nua, expondo os bicos dourados de seus seios, fazendo-se chamar pelo falso nome de Licisca, e mostrando o ventre que te pariu, ó generoso Britânico. Graciosa, recebia os que entravam e até acertava o preço. Tendo já o cafetão despachado suas meninas, ela, triste, logo partia, e, fechando o mais tarde possível o seu quarto, saía com a vulva inchada ainda queimando, cansada de homem, mas não saciada, e, emporcalhada pelas faces sujas e pela fumaça da lamparina, levava, fétida, o cheiro do lupanar para o seu travesseiro.

Cometem elas crimes ainda piores que a devassidão: as poções amorosas que levam à loucura. Há aqueles maridos, contudo, que falam bem de suas esposas, não porque as amam, mas porque receberam um rico dote. Quando não, porque elas lhes agradam com sua beleza e juventude, qualidades que logo perderão. Até lá elas te exigirão escravos, terras, vinhedos, taças caras e diamantes, e se, ao contrário, é honesta e sem vícios, logo lhes sobrevém a soberba.

Outro defeito intragável das mulheres é o de querer falar grego em todos os lugares. Por que então se casar, se não se pode estar seguro do amor de uma mulher? Por que então se casar, se o casamento é fonte de constante intranquilidade e desgosto, e o leito conjugal palco de intermináveis brigas e vigílias: *Semper habet lites alternaque iurgia lectus / in quo nupta iacet; minimum dormitur in illo* (268-269) - “Estão sempre presentes as brigas e injúrias mútuas no leito / em que deita a esposa: nele se dorme o menos possível.”

Ora, o homem que entrega seu coração a uma mulher pode esperar a pior das tiranias, que, por fim, levar-lhe-á ao divórcio. O matrimônio não passa de um jogo. A mulher odeia os amigos do marido, é grosseira com os escravos, e, numa primeira oportunidade, arranja logo outro casamento. Além de tudo isso, a sogra, a cúmplice de todas as malvadezas da esposa, é ela a que faz de tudo para travancar o casamento:

*Desperanda tibi salua concordia socru.
 Illa docet spoliis nudi gaudere mariti,
 illa docet missis a corruptore tabellis
 nil rude nec simplex rescribere, decipit illa
 custodes aut ære domat. Tum corpore sano
 aduocat Archigenen onerosaque pallia iactat.
 Abditus interea latet et secretus adulter
 inpatiensque morae silet et praeputia ducit.
 Scilicet expectas ut tradat mater honestos
 atque alios mores quam quos habet? Vtile porro
 filiolum turpi uetulae producere turpem.* (231-241)

Enquanto a sogra estiver viva tu não terás sossego.
 É ela que ensina a filha a deparar o marido, a
 se alegrar com a sua ruína. É ela que lhe ensina
 a responder grosseiramente ou delicadamente as cartas
 de um pretendente. É ela que engana ou suborna
 um vigia. É ela que manda buscar Arquígenes,
 ainda que a filha esteja bem de saúde, e tira as
 pesadas cobertas, enquanto o amante, bem escondido
 no quarto, esperando caladinho e, impaciente,
 manipula o prepúcio. Esperas acaso que a mãe
 ensine a filha modos mais corretos que os seus?
 A velha nojenta faz da filha uma pessoa igual a ela.

Briguenta, qualquer problema levará a esposa à justiça. A
 convivência com ela em casa é quase impossível, e, habilidosamente,
 imaginará outras mulheres na vida do esposo na intenção de camuflar o
 que ela faz às ocultas. Se pega em flagrante delito, ela, descarada e cheia
 de fúria, dirá: *Eu também sou feita de carne!*

*Sed iacet in serui complexibus aut equitis – “Dic,
 dic aliquem sodes hic, Quintiliane, colorem.”
 – “Haeremus. Dic ipsa.” – “Olim conuenerat”, inquit,
 “Vt faceres, tu, quod uelles; nec non ego possem
 Indulgere mihi: clames licet, et mare cælo
 Confundas, homo sum.” Nihil est audacius illis
 Deprensus: iram atque animos a crimine sumunt.* (278-285)

E-la, contudo, pega em flagrante nos braços de um

criado ou de um cavaleiro: – Diz, diz, Quintiliano o que ficou combinado. – Não sei. Diz tu mesma! Ela então diz: – Ficou combinado que tu farias o que quisesses; eu não poderia deixar de fazer o mesmo: podes até gritar, trocar o céu pela terra, mas eu sou feita de carne e osso. Nada é mais desavergonhado do que uma mulher pega em flagrante: ela tira a coragem e ódio da própria culpa.

Para Juvenal, a devassidão e o adultério feminino refletem a crescente emancipação feminina e a própria revolução sócio-cultural que experimentou Roma, a partir das grandes conquistas, por volta do séc. II a.C., com a Segunda Guerra Púnica.

As vitórias militares trouxeram consigo o aumento das riquezas, a vida mais fácil e a conseqüente busca do prazer. A consciência desse fato leva o escritor a uma atitude saudosista, de recuperação das antigas virtudes, do modo de viver primitivo:

*Præstabat castas humilis fortuna Latinas
Quondam, nec uitiiis contingi parua sinebant
Tecta labor, somnique breues, et uellere Tusco
Vexate duræque manus, ac proximus urbi
Annibal, et stantes Collina in turre mariti. (287-291)*

Outrora uma humilde condição protegia as romanas castas e o trabalho, o pouco dormir e as mãos endurecidas e calejadas pela lâ escura e Aníbal próximo à cidade, e os maridos, permanecendo na torre da colina, não permitiam que as humildes moradas fossem atingidas pelos vícios.

A felicidade antiga, centrada no ideal de pobreza e de simplicidade, é substituída pela opulência, que traz consigo a luxúria e a infelicidade:

*Nunc patimur longae pacis mala, saeuior armis
luxuria incubuit uictumque ulciscitur orbem.
Nullum crimen abest facinusque libidinis ex quo
paupertas Romana perit. (292-295)*

Agora sofremos os malefícios de uma longa paz;

mais cruel que as armas, a luxúria se instala e castiga o universo vencido. Nenhum crime está ausente e nenhum ato libidinoso, depois que a pobreza romana desapareceu.

Quando defende uma vida simples, frugal, o poeta evoca os preceitos estoícos, os quais possivelmente leva o autor a advertir o amigo Póstumo dos perigos do casamento, do sofrimento que pode advir da submissão a um único amor:

*Si tibi simplicitas uxoria, deditus uni
est animus, summitte caput ceruice parata
ferre iugum. Nullam inuenies quae parcat amanti.
Ardeat ipsa licet, tormentis gaudet amanti
et spoliis.* (206-209)

Se tens a intenção de ser um bom marido e de dedicar-te a uma só mulher, abaixa a cabeça e prepara o teu pescoço para o jugo. Não encontrarás nenhuma disposta a poupar aquele que a ama. Ainda que ela te ame, alegrar-se-á com as preocupações e desgraça do amante.

O autor mostra profundo conhecimento da psicologia feminina, retratando com maestria a mulher com suas manhas, suas traições, suas fraquezas, que se revelam até mesmo durante os rituais dedicados à Boa Deusa (*Bona Dea*). Nesta festa religiosa, das quais os homens estavam excluídos, a mulher encontrava oportunidade aos exageros sexuais. Realizavam-se secretamente grandes orgias que são descritas com riquezas de detalhes. Excitadas, continua o poeta, querem elas um homem de qualquer jeito, e, na falta, apelam até para um jumento:

*Tunc prurigo morae inpatiens, tum femina simplex,
ac pariter toto repetitus clamor ab antro
“iam fas est, admitte uiros.” Dormitat adulter,
illa iubet sumpto iuuenem properare cucullo;
si nihil est, seruis incurritur; abstuleris spem
seruorum, uenit et conductus aquarius; hic si
quaeritur et desunt homines, mora nulla per ipsam*

quo minus imposito clunem summittat asello. (327-334)

A coceira então não tem paciência de esperar, a mulher se mostra o que é, de toda a parte do Antro é ouvido o mesmo grito: “Agora já é permitido, podem vir os homem.” Se o amante está dormindo, ela ordena que o rapaz ponha o capuz e venha correndo; se não há amante, recorre-se aos escravos; sem esperança de criados, chamam o carregador de água; se este é procurado e faltam homens, elas não pensam duas vezes, e entregam suas nádegas a um jumento.

Juvenal se detém na caracterização de vários tipos femininos, pelos quais nutre um certo pessimismo. No final do poema, faz alusão a atos criminosos, praticados por algumas, ao uso de filtros, que possibilitem o domínio sobre o marido. Dentre alguns, dá o exemplo de Cesônia, esposa de Calígula, que lhe teria administrado uma dessas poções, ato que, segundo o poeta, poderia ser maquinado por qualquer uma: *Quae non faciat quod principis uxor?* (617) - “Que esposa não fará o que fez a esposa do príncipe?”

Percebemos assim que Juvenal sintetiza na sátira VI algumas das principais características do gênero, no qual se destaca o forte tom de ataque, como também a precisão de detalhes com que ele se compraz em pinçar e retratar os vícios e as degradações humanas. O que mais se sobressai, contudo, é o realismo descritivo, a exuberância com que explora os vários recursos estilísticos, a vivacidade e a beleza poética.

Referências Bibliográficas

GAILLARD, Jacques ; MARTIN, René. *Les Genres Littéraires à Rome*. Paris: Nathan, 1990.

GIOVENALE. *Satire*. Milano: Rizzoli, 1989.

JUVÉNAL. *Satires*. Texte établi et traduit par P. de Labriolle et F. Villeneuve. Paris: Les Belles Lettres, 1983.

KENNEY, E. J. e CLAUSEN, W. V. *Historia de la literatura clásica : literatura latina*. Vol. II. Versión española de Elena Bombín. Madrid: Gredos, 1989.